

Mestiçagem e sincretismo na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado

Rossana Tavares de Almeida¹

<http://lattes.cnpq.br/5797746542922922>
<https://orcid.org/0000-0003-3960-5050>

81

Íracles Andressa Pessoa de Andrade Sobreira²

<http://lattes.cnpq.br/0285139875347480>

Enviado em: 16/09/2018

Aceito em: 18/11/2018

Resumo: O intuito deste trabalho é fazer a análise acerca da mestiçagem e sincretismo na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, publicado em 1937, através das personagens Don' Aninha e o Padre José Pedro. A escolha da temática se justifica em face da recorrência do tema na obra do autor, em especial no romance objeto de nossa pesquisa. Em relação à compreensão da temática, nos apoiamos principalmente nas obras de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), além das pesquisas *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, de Valdemar Valente (1976) e *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*, de Afonso Soares (2002). No que diz respeito à compreensão desse tema no corpus, nos apoiamos no trabalho de Lília Moritz Schwarcz "O artista da mestiçagem", que integra a obra de Ilana Seltzer, *O universo de Jorge Amado* (2009), como também no estudo sociológico de Reginaldo Prandi, *Religião e sincretismo religioso em Jorge Amado*, escrito em 2009. Assim, nossa análise se detém nos personagens que mais representam a mestiçagem e o sincretismo religioso brasileiro no corpus escolhido. Apesar de a obra amadiana, objeto deste estudo, ser conhecida pela crítica social ao abandono de crianças e adolescentes, instala-se nessa denúncia literária a temática de nossa mestiçagem espiritual advinda de nossa própria formação como povo. No que se refere à metodologia, nos utilizamos dos pressupostos de Antonio Candido, elaborados em sua *Literatura e sociedade* (1965).

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Mestiçagem. Jorge Amado.

Abstract: The purpose of this work is to analyze the miscegenation and the syncretism in Jorge Amado's work *Capitães da Areia*, published in 1937, through the characters Don' Aninha and Father José Pedro. The choice of the theme is justified by the recurrence of it in the author's work, especially in the novel, the object of our research. In relation to the understanding of the theme, we rely mainly on the works of Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), as well as *Sincretismo religioso afro-brasileiro*, by Valdemar Valente (1976) and *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*, Afonso Soares. Regarding the understanding of this theme in the corpus, we rely on the work of Lília Moritz Schwarcz "O artista da mestiçagem", which integrates the work of Ilana Seltzer, *O universo de Jorge Amado* (2009), as well as in the sociological study of Reginaldo Prando, *Religião e sincretismo religioso em Jorge Amado*, written in 2009. Thus, our analysis stops at the characters that most represent the miscegenation and the Brazilian religious syncretism in the chosen corpus. Although the Amadian work, object of this study, is known by the social criticism to the abandonment of children and adolescents, the theme of our spiritual miscegenation

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, com área de concentração em Literatura, Teoria e Crítica, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: rossana_tava@hotmail.com.

²Especialista em Educação Básica, com área de concentração em Educação para a Diversidade, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: iraclesobreira@gmail.com.

coming from our own formation as a people installs itself in this literary denunciation. Regarding the methodology, we use the assumptions of Antonio Candido, elaborated in his *Literatura e sociedade* (1965).

Keywords: Literature. Society. Religious miscegenation. Jorge Amado.

SOBRE MISTIÇAGEM E SINCRETISMO RELIGIOSO

O sincretismo é bastante discutido e estudado, havendo diversas literaturas que versam sobre o assunto. Trata de um tema presente no livro *Capitães da Areia* (2009), e que interfere de forma significativa na vida das personagens principais “o grupo de meninos assaltantes e ladrões” (AMADO, 2009, p.04), e é representado, na referida obra, pela Don' Aninha e pelo Padre José Pedro.

Abordaremos, neste trabalho, as definições do sincretismo e como se desenvolveu inicialmente no Brasil, para posteriormente analisar as marcas sincréticas presentes no livro, a partir da leitura das personagens Don' Aninha e o Padre José Pedro.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (2009), o escritor Jorge Amado é um intérprete do Brasil, pois ele sempre traz em suas obras as misturas dos costumes, dos credos, das várias cores e fé que dão a feição ao povo brasileiro. A autora assevera que o escritor baiano desenha nos corpos e nas almas de seus personagens a mestiçagem nacional (2009).

Tal temática, embora bastante explorada em outras obras de Jorge Amado, a exemplo dos romances *Jubiabá* (1935), *O Compadre de Ogum* (1964) e *Tenda dos Milagres* (1969), não é estudada na obra *Capitães da Areia* (2009), justificando, assim, a escolha de nosso objeto de leitura, visto, geralmente, apenas como uma narrativa de denúncia contra a indiferença das instituições sociais e da nossa sociedade, em geral, em face da problemática do abandono infantil e do descaso com os adolescentes, igualmente abandonados.

Dessa maneira, procuramos contribuir para os estudos da literatura brasileira, em especial da narrativa de Jorge Amado e, de forma mais particular, para o estudo da mestiçagem e sincretismo em *Capitães da Areia* (2009). Esperamos, assim, colaborar no enriquecimento da fortuna crítica de Jorge Amado.

Conforme Valente (1976), devemos entender o sincretismo como um processo de interação cultural, na tentativa de diminuir os conflitos, passando por duas fases a da acomodação e a da assimilação. Na primeira, o indivíduo se acomoda em detrimento do conflito cultural, mas ainda mantém algum tipo de relação com os valores de sua cultura original. Diferentemente, na segunda, há uma fusão entre os elementos culturais, de tal forma que os indivíduos interpenetram as tradições, sentimentos e ações de outros indivíduos, trocando experiências, incorporando a mesma vida cultural, acontecendo de forma gradual e inconsciente. Vejamos a definição que o autor discute:

O sincretismo religioso é um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo *status*, ou seja o esforço empreendido no sentido de conseguir um a posição que se ajuste à idéia que o indivíduo ou o grupo tem da função que desempenha dentro de sua cultura (VALENTE, 1976, p.10).

Já Renato Ortiz, citado por Soares (2002), relaciona a questão sincrética de predominância e poder, afirmando que quando duas tradições são postas em contato a tradição dominante que fornece o sistema de significação, elegendando e ordenando os valores da

tradição subdominante. Ainda adverte para a seguinte problemática, até que momento a memória coletiva irá se manter ileso, no que tange ao significado original, já que há uma reiterada penetração de significantes externos.

Apesar do referido autor se preocupar com os elementos da tradição subdominante que não foram eleitos pela tradição dominante, vale apenas ressaltar que também alguns elementos da dominante também vão ser mesclados, pois os valores de ambas não são perdidos, mas ganham outros significados, pois o sincretismo é uma releitura dos significantes originais enriquecidos de outros novos, com o propósito de não serem perdidos (SOARES, 2002).

Quando duas culturas distintas entram em contato ocorre uma simbiose entre os elementos culturais surgindo uma nova cultura, construída da relação entre as duas primeiras culturas.

O sincretismo se caracteriza, fundamentalmente, por uma entremistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põe em contato. Simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originais (VALENTE, 1976).

No Brasil, a simbiose do sincretismo é, amiúde, problematizada por antropólogos e romancistas, a exemplo de Darcy Ribeiro, por poetas, como Carlos Drummond de Andrade, como se pode verificar no discurso de Darcy e no poema de Drummond, ambos insistindo na despojamento da religiosidade europeia, enquanto mostram as peculiaridades de nossa mestiçagem sagrada. O primeiro mostrando como exemplo a devoção brasileira à Iemanjá, ressaltando a ação contínua resistente dos negros no Brasil em preservar o sagrado africano. O segundo, Carlos Drummond ironizando para a inadequação em nossas terras de Papai Noel, figura que aparece no poema drummondiano como um ladrão, poema “Papai Noel às avessas”, de 1930:

Esse é o caso do culto a Iemanjá, que em poucos anos transformou-se completamente. Essa entidade negra, que se cultuava a 2 de fevereiro na Bahia e a 8 de março em São Paulo, foi arrastada pelos negros do Rio de Janeiro para 31 de dezembro. Com isso aposentamos o velho e ridículo Papai Noel, barbado, comendo frutas europeias secas, arrastado num carro puxado por veados. Em seu lugar, surge, depois da Grécia, a primeira santa que fode. A Iemanjá não se vai pedir a cura do câncer ou da AIDS, pede-se um amante carinhoso e que o marido não bata tanto (RIBEIRO, 1995, p.6864, 265).

PAPAI NOEL entrou pelas portas dos fundos/ (no Brasil as chaminés não são praticáveis.)/
entrou cauteloso que nem marido depois da farra./ Tateando na escuridão torceu o comutador/
e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,/ coisas que continuavam coisas no mistério do Natal./
Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,/ achou um queijo e comeu./
Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender./ Teve medo talvez de pegar fogo nas barbas postiças/
(no Brasil os papais-noéis são todos de cara raspada)/ e avançou pelo corredor branco de luar./
Aquele quarto é o das crianças./ Papai entrou compenetrado./ Os meninos dormiam sonhando outros natais muito mais lindos/
mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos/
soldados mulheres elefantes navios/ e um presidente de república de celuloide./
Papai Noel agachou-se e recolheu aquilo tudo/ no interminável lenço vermelho alcobaça./
Fez a trouxa e deu o nó mas apertou tanto/ que lá de dentro mulheres elefantes soldados presidente brigavam por causa do aperto./
Os pequenos continuavam dormindo./ Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo./
Papai Noel voltou de manso para a cozinha,/ pagou a luz, saiu pela porta dos fundos./ Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes (ANDRADE, 1988, p. 23-24).

Em 1978, o crítico literário brasileiro, Silviano Santiago, fala acerca da catequese no Brasil, cujo objetivo era o de evitar tanto o bilinguismo quanto a diversidade religiosa, ou seja, quaisquer manchas de culturas outras no sistema cultural europeu, o que reforça que o sincretismo, ou a mestiçagem, se dá à revelia do desejo português, graças à ação resiste de indígenas e negros à perda total de suas culturas, considerando a perda da ‘pureza’ da cultura europeia, como *a maior contribuição* dos latino-americanos à cultura do Ocidente. Nessa compreensão, Silviano Santiago constata que a existência de um povo latino-americano se dá através do desvio da cultura europeia, pois sem a mestiçagem cultural estaríamos fadados ao desaparecimento, pois imersos na cópia:

Instituir o nome de Deus equivale a impor o código linguístico no qual seu nome circula em evidente transparência [...] Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua [...] O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços [...] A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza* [...] A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental, graças ao movimento de desvio da norma, ativo de destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo [...] contata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia (SANTIAGO, 2000, p. 13-16 – grifos do autor).

O sincretismo afro-brasileiro

Quando falamos em sincretismo religioso no Brasil referimos, sobretudo, à *contaminação* do código religioso europeu pelos traços da religiosidade indígena e negra, em particular. Embora na obra de Jorge Amado as relações estabelecidas entre a religiosidade do catolicismo luso-brasileiro e a religião dos Orixás sejam mais evidentes, não se pode esquecer do contato, com o espiritismo, com o teosofismo e até com as práticas da cartomancia e da quiromancia. Porém, a mais marcante foi com a religião católica, por ser religião dominante e declarada pelos povos colonizadores que a impõe através da força (VALENTE, 1976).

O sistema colonial português tinha como proposta a evangelização, como meio de dominação tendo como proposta salvacionista, implantando a catequese, assim a religião católica foi introduzida nas populações indígenas e nos escravos. Na viagem da África para o Brasil, o homem negro já veio carregado de princípios e valores religiosos, e eram obrigados a viverem conforme os colonizadores, tendo que viver segundo os costumes e crenças dos dominadores sendo proibidos de exercerem qualquer tipo de culto aos orixás, sendo até perseguidos pela polícia: “Desde os tempos de sua formação até recentemente, o candomblé sofreu intensa perseguição por parte de autoridades do governo, polícia e muitos órgãos da imprensa” (PRANDI, 2009, p. 51).

Mesmo assim, os negros conservavam alguns elementos de sua fé, isto foi possível através do sincretismo, os negros começaram a fazer uma aproximação os orixás aos santos católicos “Os símbolos e ritos católicos são, portanto, reinterpretados pelo dinamismo seccionador da divisão de forças vitais do mundo africanos” (SOARES, 2002, p.49). A religião católica acabou coexistindo com o candomblé, havendo uma recriação nos significados das práticas religiosas, assim, como afirma Prandi o sincretismo afro-brasileiro foi importante para a sobrevivência e adaptação utilizado pelo os escravos africanos:

O candomblé se formou e se transformou no contexto social e cultural católico do Brasil do século XIX. Pelo sincretismo, os orixás passaram a ser identificados com os santos, sendo louvados, assim, tanto nos terreiros como nas igrejas. Os seguidores dos orixás no Brasil, especialmente nos primeiros tempos, eram também católicos, e muitos rituais realizados no terreiro eram complementados por cerimônias atendidas na igreja (PRANDI, 2009, p. 50).

É importante salientamos que com o sincretismo, os valores culturais dos negros também foram absorvidos. Observemos a colocação de García (2009, p. 22):

Esses escravos eram obrigados a viver segundo os costumes do colonizador e a acolher a fé cristã; mas ambos os países, ao lado da religião oficial, coexistiram formas religiosas procedentes de África que resistiram a todos os processos de catequese e que se juntaram ao catolicismo dando lugar primordial na consolidação de seus valores e sedimenta sua coesão social, compreende-se que os africanos e seus descendentes, ao transmitirem seus mitos e conhecimentos, transmitiram também sua cultura, sua organização social e seu legado simbólico.

Atento ao contexto brasileiro, às contradições de nossa miscigenação, os preconceitos contra a religiosidade não oficial, Silviano Santiago, em seu texto, “Apesar de dependente universal”, que integra a obra *Vale quanto pesa* (1982), aponta para uma assimilação europeia da cultura negra ou indígena, através da hierarquia, negando, portanto, o caráter simbiótico, defendido por muitos estudiosos de nossa mestiçagem, como se lê abaixo:

Tal processo de uniformização das diferentes civilizações existentes no mundo, tal processo de ocidentalização do recém-descoberto, passou a dirigir os desígnios das organizações sócio-políticas e econômicas do Novo Mundo, instituindo a classe dominante como detentora do discurso cultural, discurso europeizante (inclusive nas constantes e sucessivas assimilações “cordiais” da diferença indígena ou negra). A cultura oficial assimila o outro, não há dúvida; mas, as assimilá-lo, recalca, *hierarquicamente*, os valores autóctones ou negros que com ela entram em embate. No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização de valores (SANTIAGO, 1982, p. 17).

Jorge Amado e a mestiçagem religiosa

Não é inusitado afirmar que o autor baiano Jorge Amado é um escritor atento à nossa realidade. Daí, aparecerem em suas narrativas, as variadas devoções do povo particular, em especial a da religiosidade europeia e a da africana. sincrético “Em matéria de religião, Jorge Amado é, antes de mais nada sincrético [...] Santos católicos e orixás se confundem no enredo de seus romances na mais fina tradição do sincretismo” (PRANDI, 2009, p.49), já que o sincretismo religioso é um tema corriqueiro em suas obras, como em *Jubiabá* e *Tendas dos Milagres*, em abas obras são trazidas rituais de candomblé, além dos personagens principais dos livros estarem inseridos no mundo do Xangô. Já em *Capitães da Areia*, o sincretismo é tratado de forma mais sutil, pois o tema central do livro é a crítica social feita ao descuido com as crianças órfãs. Mesmo assim, o sincretismo é importante na obra, pois influência nas ações dos meninos que integram os Capitães da Areia.

Segundo Prandi (2009), nas obras de Jorge Amado o candomblé e o catolicismo não se separa, não sendo inconciliáveis, tanto é que ambas religiões estão presentes no romance *Capitães da Areia*, sendo está relação representada pela aceitação dos órfãos ao padre e a mãe-de-santo, os meninos só confiavam neles tanto é que somente o Padre José Pedro e Don’ Aninha sabiam onde ficava o esconderijo dos meninos.

REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO BRANCO E DA RELIGIOSIDADE NEGRA: a figura do Padre José Pedro e a Mãe-de-Santo Don' Aninha

Mais de 100 crianças vivendo em um Trapiche, e o que eles tinham era um ao outro e, às vezes, a ajuda do Padre José Pedro, Mãe-de-Santo Don' Aninha e o capoeirista Querido-de-Deus. Porém, neste tópico só nos deteremos aos dois primeiros, por representarem o sincretismo religioso, tema reiterado nas obras de Jorge Amado. Além disso, eram uma das poucas pessoas que eram respeitadas pelos Capitães da Areia.

Na cidade onde viviam os Capitães da areia eram vistos como um problema que deveria ser resolvido rapidamente, não de forma humanitária, pois não eram vistos como crianças, e sim como meros criminosos, que precisavam ser presos, não importando para onde vão ou como serão tratados, o que importa é que os meninos delinquentes sejam “extintos”:

O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões (AMADO, 2009, p. 09).

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Cartas à Redação”, mostra que as autoridades que deveriam se preocuparem com a situação de abandono dos menores, dando assistência, não se responsabilizam, atribuindo a responsabilidade a outro Órgão, o secretário do chefe de polícia afirma que a problemática é de competência do juizado de menores, este afirma que o dever de solucionar a onda de crimes cometidos por crianças compete ao curador, e assim ninguém é responsável pelos meninos.

Dessa forma, a figura do padre e da mãe-de-santo são importantes, devido assistência dada as crianças. Além disso, ambos são representantes de religiões, o padre da católica cristã e a mãe-de-santo do candomblé. Percebe-se que ao longo da narrativa os elementos das referidas religiões se mesclam, caracterizando, assim, como sincretismo religioso.

UM PADRE SEM PRESTÍGIO

O Padre José Pedro, apesar de ser uma figura religiosa que normalmente impõe respeito e prestígio, não tinha muita influência na cidade “Pouca influência tinha o padre José Pedro. Não tinha mesmo influência nenhuma” (AMADO, 2009, p. 72), não sendo considerado uma pessoa importante, só sendo considerado e respeitado pelos meninos infratores e pela Don' Aninha. Já no primeiro capítulo do romance, percebemos a falta de autoridade e de respeito com padre, através da carta do diretor do reformatório à redação do jornal da tarde, que desprovido de temor a um representante de Deus insulta o padre:

Esse padre (que eu chamarei de padre do demônio), se me permitis uma pequena ironia, Sr. diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em honrar proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma série queixa: ele tem incentivado os menores que o estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um investigador do mau caráter geral dos menores sob minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação (AMADO, 2009, p. 19-20).

Levando em consideração a fé professada pelo padre, o diretor do reformatório ofendeu de pior forma possível o sacerdote, chamando-o de demônio, o inimigo de cristo, aquele que o padre representa. Além disso, acusa de incentivar a desobediências dos jovens infratores, pois não respeita nem as leis internas do reformatório, também chama-o de mentiroso, já que afirma não proceder as denúncias feitas pelo sacerdote ao reformatória: “O que me abismou, Sr. diretor, foi a carta do padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações” (AMADO, 2009, p. 19).

O diretor do reformatória afirma que não é dever do padre se preocupar com os jovens internados, não levando em consideração a doutrina cristã. O padre não necessariamente, precisava fazer a denúncia por ser cristão, pois como qualquer cidadão poderia fazer críticas aos tratamentos desumanos dados as crianças presas.

Além disso, o padre também não era considerado importante nem no meio eclesiástico: “O padre José Pedro não era considerado uma grande inteligência entre o clero. Era mesmo um dos mais humildes entre aquela legião de padres da Bahia” (AMADO, 2009, p. 19-71). O adjetivo humilde tem três sentidos, o primeiro no sentido econômico, uma pessoa que não posse muitos bens e dinheiro. O segundo sentido é o de bondade, uma pessoa que se compadece do próximo, ou ainda a humildade religiosa, que para Catherine Cornille, PhD em Estudos da Religião pela U.K. Leuven, professora associada de Teologia Comparada no Boston College, é a submissão e obediência a Deus, a sapiência que a glória é somente de Deus:

Dentro das religiões monoteístas, a da humildade define uma determinada relação com Deus. É exatamente a fé em Deus Criador, a fonte de toda bondade e verdade, a qual torna vãs todas as tentativas humanas de autoglorificação e orgulho (CORNILLE, 2008, p. 162).

Os três sentidos de humildade são pertinentes ao Eclesiástico José Pedro, pois durante meia década foi operário em uma fábrica de tecidos, só entrou para o seminário porque o diretor da fábrica, onde trabalhava, em uma atitude de hipocrisia, falou para o bispo que custeava os estudos de alguém que desejasse ser padre:

O diretor da fábrica, num dia em que o bispo a visitara, resolveu dar mostra de generosidade e disse que “já que o senhor bispo se queixava da falta de vocação sacerdotal, ele estava disposto a custear os estudos de um seminarista ou de alguém que quisesse estudar para padre”. José Pedro, que estava no seu tear, ouvindo, se aproximou e disse que ele queria ser padre. [...] Mas o patão, diante do bispo, não quis voltar atrás. E José Pedro foi para o seminário (AMADO, 2009, p. 19, 71).

Fingindo ser generoso o patrão de José Pedro não tinha a verdadeira intenção de arcar com as despesas de um seminarista, tanto é que a atitude do operário surpreendeu o Diretor da Fábrica: “Tanto o patrão como o bispo tiveram uma surpresa” (AMADO, 2009, p. 71). Além disso, a promessa o superior da fábrica, não passou de vãs palavras, visto que a intenção não era ajudar, mas representar generosidade para o bispo, tendo que cumprir - lá para evitar o constrangimento diante do Reverendo, pois pouco tempo depois deixou de pagar as despesas do seminarista: “[...] passados dois anos, o dono da fábrica deixou de pagar seus gastos [...]” (AMADO, 2009, p. 72).

O bispo ficou surpreso, pelo fato de o voluntário não ter estudo: “José Pedro já não era moço e não tinha estudo algum” (AMADO, 2009, p. 71). O bispo por ser uma

autoridade para a Igreja Católica, não teve uma atitude cristã, porque ao se surpreender com o desejo de José Pedro, teve uma atitude discriminatória, porquanto achava que não passava de um operário, não tão jovem.

O padre também era humilde no sentido de bom, tinha a intenção de ajudar as crianças órfãs que praticavam crimes na cidade da cidade: "[...] seu grande desejo era catequizar as crianças abandonadas da cidade, os meninos que, sem pai e sem mãe, viviam do roubo, em meio a todos os vícios" (AMADO, 2009, p. 72). Realmente se importava com os pequenos delinquentes, eram assim que eram vistos, mas o padre vinham neles a oportunidade de fazer a obra cristã, ajudar o próximo, levando as crianças a Deus, segundo a doutrina cristã: "Jesus porém disse: Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus" (MT, 19, 14). Também, desejava a felicidade dos Capitães da Areia, com avidez de fazer com que os meninos viessem como crianças. pegando o dinheiro que Dona Guilhermina Silva tinha dado para comprar velas para o altar da Virgem, para que os meninos brincassem no carrossel que chegará na cidade:

-Isso é pra gente andar no carrossel hoje... Convido vocês todos para andarem hoje no carrossel da praça de Iatapagipe.

Esperava que os rostos se animassem mais. Que uma extraordinária alegria reentrassem em toda sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto de que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil-réis que Dona Guilhermina Silva dera para a comprar velas para o altar da Virgem tirara mil-réis para levar os Capitães da Areia ao carrossel (AMADO, 2009, p. 78).

Não era somente intenção do sacerdote catequizar os meninos, mas também queria encontrar uma solução para amenizar a vida de miséria e sem amor de pai e mãe. Com a intenção de oferecer um lar para aquelas crianças abandonadas. Com este intuito levou um menino do reformatório para uma das beatas da Igreja cuidar, assim, estaria ajudando a criança sem um lar e a beata:

A princípio o padre José Pedro pensava em levar os Capitães da Areia às beatas. Pensava que assim salvaria não só as crianças de uma vida miserável, como salvaria também as beatas de uma inutilidade pernicioso. [...] Muito tempo o padre José Pedro acariciou este projeto. Chegou mesmo a levar para casa de uma um menino do reformatório (AMADO, 2009, p. 76).

Em relação a humildade no sentido de submissão a Deus, o padre José não a aceitava qualquer tipo de glorificação em relação ao cargo que exercia da Igreja, pois muitas beatas o idolatravam:

[...] ele porque ao acabar de celebrar pela primeira vez naquela Igreja, um grupo de beatas se acercou dele com o evidente propósito de o ajudar a mudar os trajes do ofício da missa. E ressoaram em torno a ele exclamações comovidas:

-Reverendozinho.... Anjo Gabriel....

Uma velhusca magra juntava as mãos em adoração:

-Meu Jesuscristozinho.....

Pareciam adorá-los e o padre José Pedro se revoltou. Em verdade ele sabia que a grande maioria dos padres não se revoltava e ganhava bons presentes, de galinhas, perus, lençóis bordados e por vezes até antigos relógios de ouro que passavam através de gerações na mesma família. Mas o padre José Pedro tinha outra ideia da sua missão, pensava que os outros estavam errados e foi com um furor sagrado que disse:

-As senhoras não têm o que fazer? Não têm em casa de que cuidar? Eu não sou Jesuscristozinho, nem Anjo Gabriel... Vão para suas casas trabalhar, preparar o almoço, coser.

As beatas o olhavam assombradas. Era como se ele fosse o próprio anticristo. O padre

completou:

-Em suas casas trabalhando servem melhor a Deus que aqui cheirando as fraldas dos padres...
Vão, vão...

E enquanto elas saíam atemorizadas, ele repetia mais com mágoa que com raiva:

-Jesuscristozinho... O nome de Deus em vão.

As beatas estavam preocupadas com coisas fúteis da Igreja, como os trajes do padre José Pedro. Diferentemente dos demais padres, não gostava de receber presentes nem de ser bajulado, pois tinha a convicção de sua missão cristã. Apesar de saber que ao advertir as beatas perderia os presentes, não se importou e as repreendeu, mesmo sabendo que era uma prática corriqueira no meio eclesial. O modo com que o narrador relata a maneira com que o padre reclama com as beatas "furor sagrado", mostrando que o padre estava revestido de autoridade incumbido pela palavra cristã, justificando o estado de raiva do padre, já que é somente nesta passagem, que percebemos alguma alteração na maneira paciente do padre. De certa forma, mostra a decepção do padre nas atitudes das beatas que apesar de frequentarem com veemência a Igreja, só levavam o tempo para falar mal dos outros, por esta razão o sacerdote não confiava nelas: "Além do mais não tinha absoluta confiança naquelas solteironas velhucas que viviam metidas na igreja e que aproveitavam os intervalos das missas para comentarem a vida alheia" (AMADO, 2009, p.73).

Apesar de ter se esforçado para continuar e se formar: "ele teve que trabalhar de bedel no seminário para poder continuar" (AMADO, 2009, p. 72), o padre não teve todo um histórico de estudo, e só veio a estudar mesmo no seminário, por este motivo não acompanhar o ensino eclesial, tendo dificuldade:

Os demais seminaristas riam dele. Nunca conseguiu ser um bom aluno. Bem comportado, isso era. Também dos mais devotos, daqueles que mais acercavam da igreja. [...] Não conseguia penetrar os mistérios da filosofia, da teologia e do latim (AMADO, 2009, p. 71).

Vemos que há uma relação paradoxal na descrição que o romance em relação a Igreja, padres que aceitam a adoração e presentes de bestas, uma instituição religiosa que não se importa com as crianças órfãs, futuros padre que ao invés de ajudar o colega nas dificuldades religiosas ridiculariza-o. Porém, temos a figura do Padre que realmente deseja cumprir a palavra cristã, ajudando crianças abandonadas, fazendo denúncias sociais, não aceitando qualquer tipo de adoração. Ao mesmo momento que há uma imagem negativa da Igreja católica, há o padre José Pedro, que em meio à tantas divergências continuou a ser honesto e bom. Os próprios capitães da areia reconheciam a bondade do padre, um dos meninos, o Professor, assim como os meninos chamavam-no, declarou: "- Padre, o senhor é um homem bom" (AMADO, p. 19-76).

Além deste paradoxo, há no texto uma troca de valores, porque enquanto o padre José Pedro era bom, desejando ajudar o próximo, mesmo se esforçando não era bom pregador quanto o padre Clóvis, que sabia convencer através sua pregação, já que detinha a retórica: "[...] Ele era a negação do pregador. Nunca havia conseguido descrever o inferno com a força de convicção do padre Clóvis, por exemplo. Sua retórica era pobre e falha" (AMADO, 2009, p. 74).

O padre Clóvis só pensava nos benefícios que sua posição religiosa lhe proporcionava, criticando a atitude do padre José Pedro, em repreender as beatas que adoram os padres: "Esses padres recém-ordenados estragam a vida da gente..." (AMADO, 2009, p. 73). Não somente a inversão de conhecimento intelectual, todavia também a de fé, o padre José Pedro não tinha o conhecimento que o padre Clóvis, mas acreditava em Deus verdadeiramente, diferentemente este nem se quer acreditava no inferno: "No entanto, ele acreditava,

ele era crente. E dificilmente se poderia dizer que o padre Clóvis acreditasse pelo menos no inferno" (AMADO, 2009, p. 74).

A posição economicamente desfavorável do padre e o seu pouco conhecimento era um empecilho para ajudar os meninos do trapiche. Quando Almiro, um dos integrantes dos Capitães da Areia, pegou alastrim, uma bexiga mais branda: "[...] bexiga negra, virou alastrim, que é uma bexiga branca e tola, quase sarampo" (AMADO, 2009, p. 139), deveria ser enviado para o lazareto, que era uma instituição pública de saúde, onde todas as pessoas infectadas com bexiga iam, porém todos sabiam que quem ia para lá não voltava: "-Tu sabe, padre, que ninguém volta do lazareto" (AMADO, 2009, p. 144). Mesmo sendo de conhecimento do padre que a lei obrigava a todas as pessoas infectadas com bexiga deveriam ser encaminhadas e denunciadas para o lazareto, o padre mesmo sabendo que se prejudicaria, preferiu não denunciar o menino Almiro:

Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à saúde pública os casos de varíola que conhecessem, para o imediato reconhecimento dos variolosos aos lazaretos. O padre José Pedro conhecia a lei, mas, mais uma vez, ficou com os Capitães da Areia contra a lei (AMADO, 2009, p. 146).

O sacerdote se importava tanto com os órfãos, integrantes dos Capitães da Areia, que se fosse para escolher entre obedecer às leis, o arcebispado a ajudar os meninos de rua, ficava com estes: "O padre tivera que fazer muita coisa contra o que lhe haviam ensinado. Pactuara mesmo com coisa que a Igreja condenaria. Mas era o único jeito" (AMADO, 2009, p. 147). E por causa disto era alvo de muitas queixas, principalmente:

Muitas beatas já murmuravam por causa das suas relações com as crianças que viviam do furto. -Têm-nos chegado bastantes queixas, padre José Pedro. O arcebispado tem fechado os olhos na esperança de que o senhor conhecesse seu erro e se emendasse... (AMADO, 2009, p. 147, 149).

A humildade econômica e o pouco conhecimento intelectual do padre eram visíveis, o tornando uma figura frágil diante do arcebispado que não estava preocupado com crianças de rua. Quando o padre é denunciado por esconder uma pessoa infectada com bexiga, é chamado à presença do cônego secretário do arcebispado, e este via refletir esta fragilidade na face do padre José Pedro: "[...] a figura baixa do padre, a sua batina suja e remendada em dois lugares, o seu ar de medo, a falta de inteligência que de mistura com a bondade se refletia na cara do padre" (AMADO, 2009, p. 148).

O autor faz críticas a Igreja Católica, primeiro mostrando desde o seminário, com os colegas do padre José Pedro, que o ridiculariza, depois com o padre Clóvis que nem ao menos cria no Deus que representa, além de ser um padre ambicioso, preferindo acolher os erros do que perder os presentes das beatas, e com a descrição da sala do cônego secretário do arcebispado: "Pesadas cortinas, cadeiras de alto espaldar, um retrato de santo Inácio numa parede. Na outra, um crucifixo. Uma grande mesa, custosos tapetes" (AMADO, 2009, p. 146). Uma instituição que vive no luxo e não está preocupada com crianças de rua, que é um enorme problema social da cidade. Todo este ar de riqueza contrasta com um padre pobre, mas que tem a intenção de ajudar a quem precisa: "As crianças eram a maior ambição de Cristo. deveria se fazer tudo para salvar aquelas crianças. Não era culpa deles se estavam perdidos" (AMADO, 2009, p. 147).

Uma das cenas que demonstra estas duas faces da Igreja católica, um padre sem

condições financeiras, mas que desejava cumprir os desígnios da doutrina cristã e um cônego arrogante: "Sentou-se, cruzou as mãos com grande cuidado, afastou sua reluzente batina da batina suja do padre José Pedro" (AMADO, 2009, p. 148). Enquanto a batina do padre José Pedro era remendada em dois lugares e suja a do cônego era reluzente.

Além disso, o cônego repreende o Padre José Pedro por causa de uma fofoca das beatas da Igreja, não querendo saber se a denúncia procedia, mesmo assim não quis averiguar, pois não importava a veracidade da história que a beata contara, já que esta dava donativos a Igreja, não importando a verdade, mas sim, o dinheiro:

- Não faz muito tempo a viúva Santos queixou-se. O senhor ajudou uma corja de moleques, numa praça, a vaiá-la. Melhor incitou os moleques a que a vaiassem... Que tem a dizer, padre?
- Não é verdade, cônego.
- O senhor quer dizer que a viúva mentiu?
- Fuzilou o padre com os olhos. Mas desta vez José Pedro não baixou a cabeça, apenas repetiu:
- O que ela disse não é verdade...
- O senhor sabe que a viúva Santos é uma das melhores protetoras da religião da Bahia? Não sabe dos donativos... (AMADO, 2009, p. 149).

O adjetivo dado a beata não é segundo as suas ações, mas de acordo com que doa a Igreja, mostrado mais uma vez a crítica que o autor faz a esta instituição religiosa.

O cônego ainda humilha o padre José Pedro por não ter tido um bom desempenho nas matérias na época do seminário: "No seminário não lhe ensinaram a ser humilde e respeitoso com seus superiores? Se bem o senhor não tivesse sido um aluno dos mais brilhantes" (AMADO, 2009, p. 149). E por esta razão, acreditava, o padre José Pedro que o cônego estava certo, por este deter maior conhecimento do que um simples operário que começou os estudos tardiamente, achando que o cônego por ser mais inteligente tinha mais intimidade com Deus, já que o criador é onisciente:

O padre José Pedro sabia daquilo. Não era preciso que lhe repetissem que fora um dos piores alunos do seminário em matéria de estudos. Por isso mesmo tinha tanto medo de ter errado, de ter ofendido a Deus. O cônego devia ter razão, era muito mais inteligente, estava muito mais próximo de Deus, que é a suprema inteligência (AMADO, 2009, p. 149).

Mesmo sentindo inferior ao cônego, por este ser mais inteligente, acreditava que ajudar os Capitães da Areia era a vontade de Deus, por isso, teve a coragem de combater o superior:

- O padre José Pedro tinha confiança na bondade de Deus. Muitas vezes pensara que Deus aprovara o que ele estava fazendo. Agora pensava isto também. Aquele pensamento tinha enchido seu coração de repente. Levantou o busto, fixou a vista no cônego:
- O senhor sabe o que é um leproso?
 - O cônego não respondeu.
 - Pois é raro o homem que volta de lá. Quanto mais uma criança... Mandar uma criança para lá é cometer um assassinato... (AMADO, 2009, p. 150).

A falta de conhecimento intelectual do padre deixava-o inseguro, por isso se achavam inferior ao cônego, não por questões hierárquicas da Igreja ou por causa da questão financeira, mas por não ser tão inteligente, pensando que não teria intimidade com Deus por esta razão, reflexão está que é instigada ainda mais pelo cônego:

-Que sabe o senhor da bondade de Deus? Que grande inteligência tem para saber dos desígnios de Deus? O demônio da vaidade o dominou?

O padre José Pedro tentou explicar:

-Eu sei que sou um padre ignorante e indigno de servir ao Senhor.

[...]

O padre José Pedro se sentiu novamente em dúvida. Mas ele elevou o pensamento a Deus, voltou parte da sua confiança [...] (AMADO, 2009, p. 150).

Por ter a consciência de não ser inteligente como os outros padres, sentindo-se inseguro, sem saber se Deus era de acordo com as suas atitudes. Desobedecia às leis dos homens e da Igreja, para poder cumprir a palavra de Deus, mas se o criador também dizia para obedecer as leis dos homens? O que fazer diante do embate entre ajudar os Capitães da Areia e obedecer a Igreja e o estado? Por se achar ignorante o padre José Pedro as vezes ficava em dúvida se Deus estava compactuando com as atitudes que tomava para se aproximar e ajudar os meninos do trapiche.

Apesar do padre ter as intenções de ajudar os Capitães da Areia, e ser caracterizado como um homem bom, há duas passagens em que o padre diminui a religião dos orixás, na primeira, Pirulito começa a pensar que seus amigos irão para o inferno por crerem em Xangô, e o padre afirma que os orixás são uma superstição, ou seja, para o padre não reconhece o candomblé como religião: "O padre José Pedro dizia que aquilo era superstição, que era coisa errada, mas que a culpa não era deles" AMADO, 2009, p. 107).

Don' Aninha a mãe de santo

Don' Aninha aparece menos que o padre, mas é tão importante para os Capitães da Areia quanto o sacerdote, sendo uma das poucas pessoas que sabiam onde moravam os meninos. Na primeira vez que a mãe de santo é citada, percebemos a confiança que ela passa para os meninos de rua, fazendo com que os alguns dos Capitães da Areia também acreditassem nos orixás: "Talvez só o soubesse Don' Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá, porque Don' Aninha sabe de tudo que Iá lhe diz através de um búzio nas noites de temporal" (AMADO, 2009, p. 30). Esta citação faz referência ao pensamento do Professor, um dos integrantes dos Capitães da Areia, que fazia planos para o futuro, no qual pintaria quadros que retratassem a vida de homens sofredores, e nesta reflexão, imaginava ser a Don' Aninha a única pessoa que poderia saber de seus planos, pois acreditava na sabedoria dada pelos orixás a mãe de santo, dessa forma, só Don' Aninha poderia saber um desejo tão íntimo.

Na citação do parágrafo anterior, o autor faz menção ao terreiro de Opô Afonjá, que foi fundado no começo da década do século XX pela mãe de santo conhecida como Aninha Obabií, mas seu nome era Eugênia Ana dos Santos (PRANDI, 2009, p.47). A referência ao terreiro não foi esporádica, pois foi neste templo de candomblé que Jorge Amado recebeu o título de ogã³, fazendo parte do conselho dos obás de Xangô. Além disso, a mãe de santo da obra "Capitães da Areia" recebeu o mesmo nome da fundadora do terreiro de Opô Afonjá, que também faz parte do espaço do livro. Todo este universo dos orixás é comum nas obras de Jorge Amado: "Nos livros de Jorge Amado, o candomblé, com seus orixás,

³Ogã ou protetor é um cargo honroso no terreiro de candomblé, geralmente dadas a pessoas com prestígio na sociedade que limitam na causa da religião. Os obás contribuíam com a mãe de santo na administração do templo (PRANDI, 2009).

pais e mães de santo, ogãs e filhos de santo, compõe o cotidiano dos personagens com a mesma força e naturalidade que podemos sentir no contato com gente do lugar" (PRANDI, 2009, p.48).

Assim como o padre José Pedro, Don' Aninha era uma das poucas pessoas que ajudavam os pequenos delinquentes: "Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don' Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio" (AMADO, 2009, p. 44). Além disso, a mãe de santo não se assemelha ao padre somente na caridade que ofereciam aos meninos, mas também suas feições:

Don' Aninha era magra e alta, um tipo aristocrático de negra, e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas poupas de baiana. Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito. Nisso se parecia com o padre José Pedro (AMADO, 2009, p. 94).

Não há rivalidades na obra, entre o candomblé e o catolicismo, os representantes do catolicismo e do candomblé são apresentados de forma positiva, mostrando que não existiu uma religião certa, mas sim, pessoas de boa índole, apesar de apresentar críticas contra a Igreja Católica, o padre é descrito como uma pessoa boa, mostrando as duas fases da instituição cristã.

Temos duas religiões distintas que sofreram historicamente grandes conflitos, apresentada também no livro. Na obra é apresentado um padre pobre que não tem nenhuma influência social, mas que ajudar os meninos do trapiche, e há a mãe de santo, que sofre com a intolerância religiosa, que também ajuda os Capitães da Areia, mas tem mais prestígio que o padre, conhece pessoas influentes, e apesar do preconceito com o candomblé, Don' Aninha era respeitada:

Numa batida num candomblé (que se bem não fosse o seu, porque nenhum polícia se aventurava a dar uma batida no candomblé de Aninha, estava sob a sua proteção) a polícia tinha carregado com Ogum, que repousava no seu altar. Don' Aninha tinha usado da sua força junto a um guarda para conseguir a volta do santo. Fora mesmo à casa de um professor da faculdade de medicina, seu amigo, que vinha estudar a religião negra no seu candomblé, pedir que ele conseguisse a restituição do deus (AMADO, 2009, p. 93).

A mãe de santo era como uma amiga para os Capitães da Areia, e ela também os considerava como tal:

Por último Don' Aninha veio aonde estavam os Capitães da Areia, seus amigos de há muito, porque são amigos de grande mãe-de-santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins (AMADO, 2009, p. 93).

A maioria dos meninos acreditavam que Don' Aninha tinha poder de Ogum, por isso, quando Dora ficou doente eles chamaram a mãe-de-santo para curar a menina: "A mãe-de-santo Don' Aninha reza oração forte para a febre que consome Dora desaparecer. Com um galho de sabugueiro manda que a febre se vá (AMADO, 2009, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra *Capitães da Areia* verificamos que o padre José Pedro e Don' Aninha foram essenciais para o sincretismo dos Capitães da Areia, tidos como referência para os órfãos.

O sincretismo religioso, no *corpus* analisado, apresenta-se na heterogeneidade das personagens analisadas, que mesclam os elementos do catolicismo e do candomblé. Nos *Capitães da Areia* as duas expressões de fé coexistem, representada pelo encontro de Don' Aninha e o padre José Pedro, que se juntam todas as vezes que os Capitães da Areia precisam de ajuda.

A análise mostra um dos quatros principais integrantes dos Capitães da Areia: Pirulito, que era católico, João Grande, devoto de Omolum, Pedro Bala, que misturava os elementos do catolicismo e do candomblé, e por último, Sem-Pernas, que não tinha fé porque o sofrimento da vida o fez perder a esperança. Percebe-se que a fé de cada menino influenciou no destino de cada um, pirulito se torna Padre, João Grande marinheiro, Pedro Bala entra na organização dos grevistas, já Sem-Pernas se suicida.

Apesar de Jorge Amado ser ogã, ele não privilegia sua religião, mostrando o lado bom do catolicismo, através do Padre, sem deixar de fazer crítica a hipocrisia da Igreja Católica, expondo a sociabilidade de equilíbrio entre os opostos (SCHUWARCZ, 2009, p. 35).

Nas obras de Jorge Amado, a mestiçagem aparece sob muitas faces, em *Capitães da Areia*, a mestiçagem apresenta-se pela mistura étnica do grupo, as crianças são brancas, morenas, negras, mestiça, há até um filho de estrangeiro. A mestiçagem da obra, também se apresenta na mistura entre os credos, no sincretismo ou mestiçagem do espírito brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.
- BARANDELÇA GARCÍA, Ana Margarita. *O sagrado de raízes africanas no realismo maravilhoso de Jorge Amado e Manuel Cofino*. Maceió: 2009.
- BÍBLIA SAGRADA**. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CORNILLE, Catherine. *Humildade e diálogo*. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 161-180, dez, 2008.
- NISKIER, Arnaldo. *Jorge Amado e a literatura brasileira*. Colóquio internacional 100 anos de Jorge Amado: história, literatura e cultura. Organizadores Flávio Gonçalves dos santos, Inara de Oliveira Rodrigues, Laila Brichta. Ilhéus, BA: EDITUS. p. 13-26. 2013.
- PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SHUWARCZ, Lilia Mortiz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O artista da mestiçagem. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo, 2009.

SOARES, Afonso Maria Logorio. *Sincretismo afro-católico no Brasil*: lições de um povo em exílio. revista de estudo da religião. n° 3, p. 45-75, 2002.

VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 2. ed. São Paulo. Ed. Nacional; Brasília, 1976.